

I INTRODUÇÃO

A pesquisa trata do grupo terapêutico fonoaudiológico na afasia e em particular, volta-se a usuários de Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA). Trata-se de prática clínica educacional e multidisciplinar que visa apoiar, complementar, suplementar, melhorar ou substituir as formas de produção e interpretação verbal de sujeitos com comprometimento de linguagem (Chun et al., 2007; Chun 2009).

Entende-se que na afasia, além da lesão cerebral que afeta a pessoa, há linguagem e um sujeito em questão. Morato et al. (2002) destacam o quanto a afasia afeta diretamente a vida prática e cotidiana dos sujeitos e que a sociedade tende a excluir tais sujeitos, uma vez que a comunicação se constitui em uma barreira social.

Como pontua Panhoca (2004, p.1055), o grupo terapêutico na fonoaudiologia trata-se de um "... contexto poderoso não só para o favorecimento da linguagem, mas também para identificação e o domínio de padrões, valores e atitudes socioculturais disponibilizadas e partilhadas pelos diversos componentes do grupo."

Na intervenção em grupo de afásicos usuários de CSA é importante que o terapeuta esteja sensível às singularidades de cada sujeito e atue de maneira que as dificuldades não sejam ressaltadas (Couto, 2003). Segundo a autora, os comprometimentos de linguagem não significam que o afásico não tenha intenção de se comunicar. É certo que os sujeitos mantêm a intencionalidade em seu discurso e nesse sentido, como colocam vários autores (Couto, 2003; Chun et al, 2007) a CSA assume papel relevante.

II OBJETIVO

Investigar o papel do grupo terapêutico em sujeitos afásicos usuários de CSA em acompanhamento fonoaudiológico sob uma orientação discursiva de linguagem.

III MÉTODO

Pesquisa aprovada pelo CEP sob nº 128/2008. Estudo qualitativo e longitudinal, cujo corpus se constitui de quatro sujeitos afásicos integrantes do Grupo II do Centro de Convivência de Afásicos e não Afásicos (CCA IEL/Unicamp) e participantes do Grupo de CSA. Os sujeitos são do sexo feminino e apresentam tipos e comprometimentos variados de linguagem e faixa etária entre 37 e 67 anos.

A coleta de dados foi feita por duas fontes: (i) entrevista semi-estruturada sobre o grupo e o uso da CSA e (ii) 26 registros em vídeo de maio/2006 a junho/2008 do banco de dados da pesquisa à que se vincula este estudo *Comunicação Suplementar e/ou Alternativa: Processos de Significação em Sujeitos Cérebro-Lesados* (Chun, 2008).

Foram oferecidos recursos da CSA para resposta dos sujeitos e selecionados e transcritos ortograficamente os episódios em vídeo relativos ao papel do grupo e da repercussão da CSA na linguagem dos sujeitos. Para análise da participação/cooperação entre os sujeitos do grupo foram estabelecidas as categorias: (a) gestos; (b) escrita e fala; (c) uso da comunicação suplementar e/ou alternativa; (d) outros recursos como uso de agenda; (e) incentivo à fala do outro e (f) mediação de linguagem pelos pesquisadores.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Da entrevista: o grupo na perspectiva dos sujeitos

Em relação à como "o sujeito faz para falar", foram oferecidas possibilidades de respostas indicadas na Figura 1. Os resultados encontram-se no Gráfico 1.

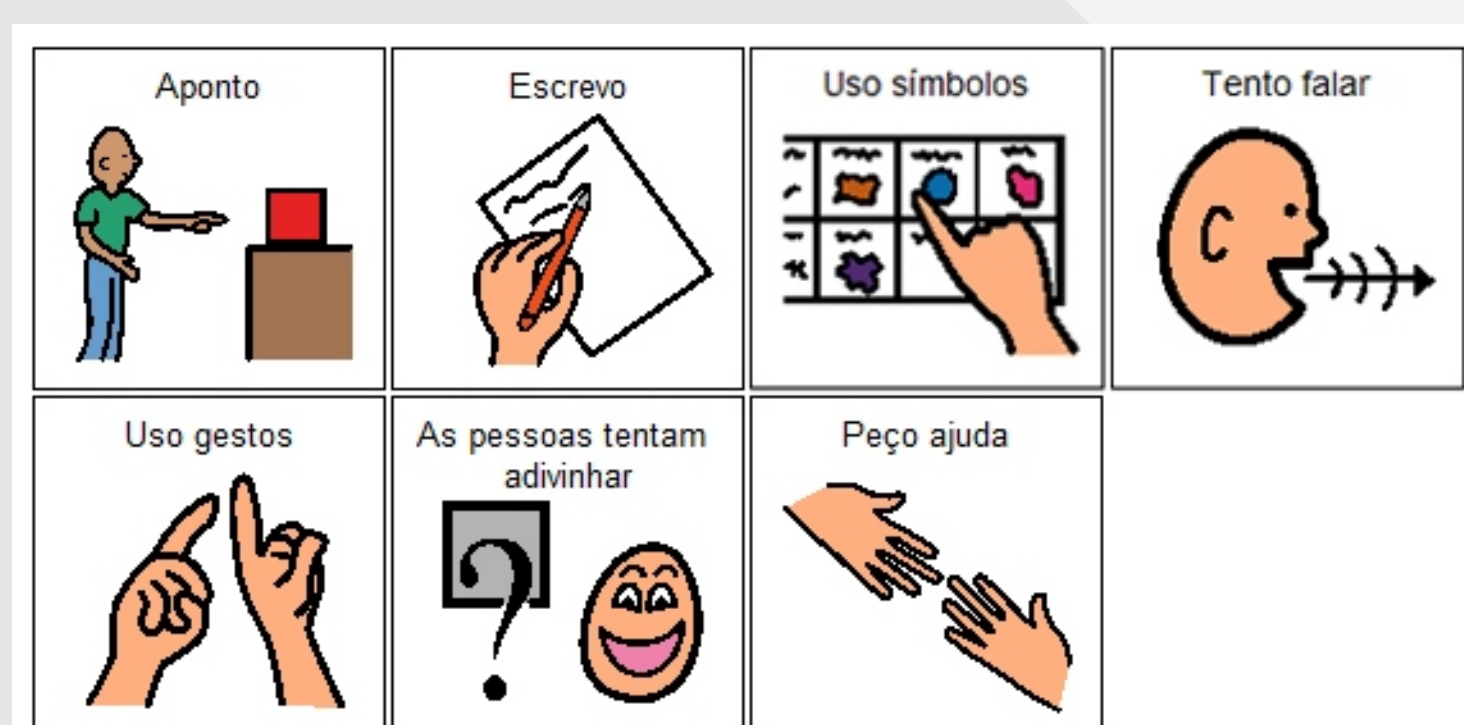


Figura 1- Prancha de respostas da pergunta "Como o sujeito faz para falar"

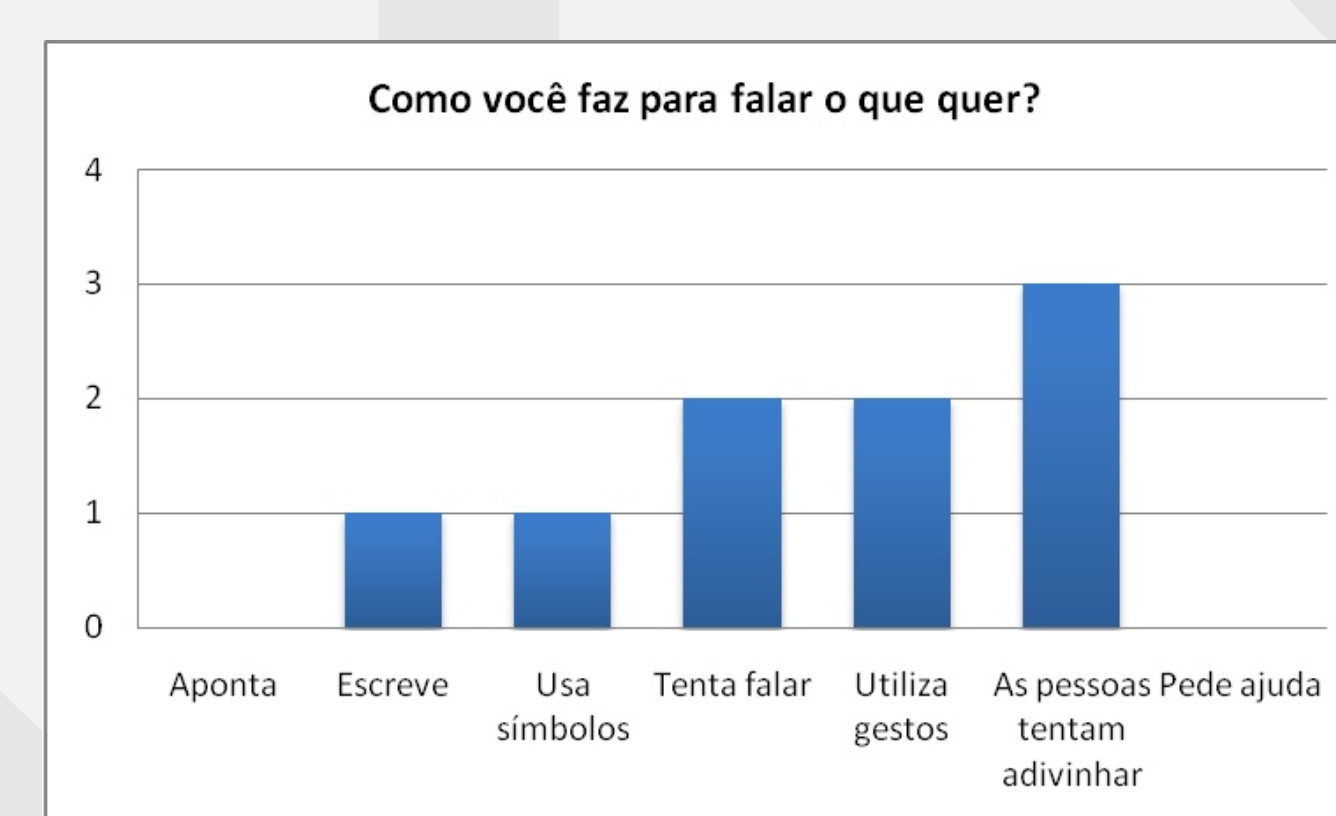


Gráfico 1- Distribuições das respostas dos sujeitos quanto à como o sujeito faz parte para falar o que quer. Fonte: Arquivos do Curso de Fonoaudiologia da UNICAMP, 2008

Segue a prancha de respostas referente à segunda pergunta "como o grupo ajuda você a falar o que quer" (Figura 2) e os resultados encontrados (Gráfico 2).

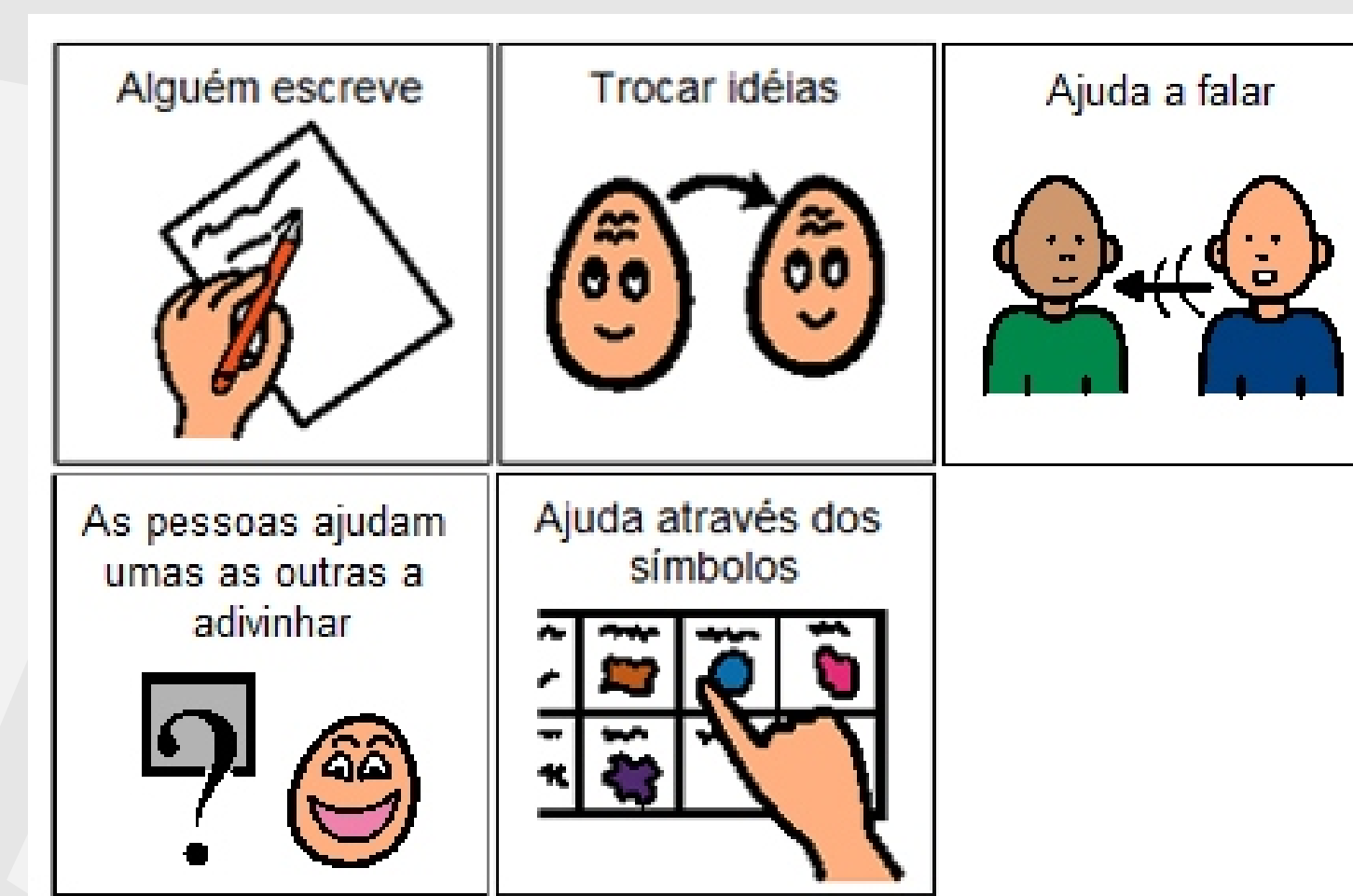


Figura 2 - Prancha de respostas da pergunta "Como o grupo ajuda você a falar o que quer".

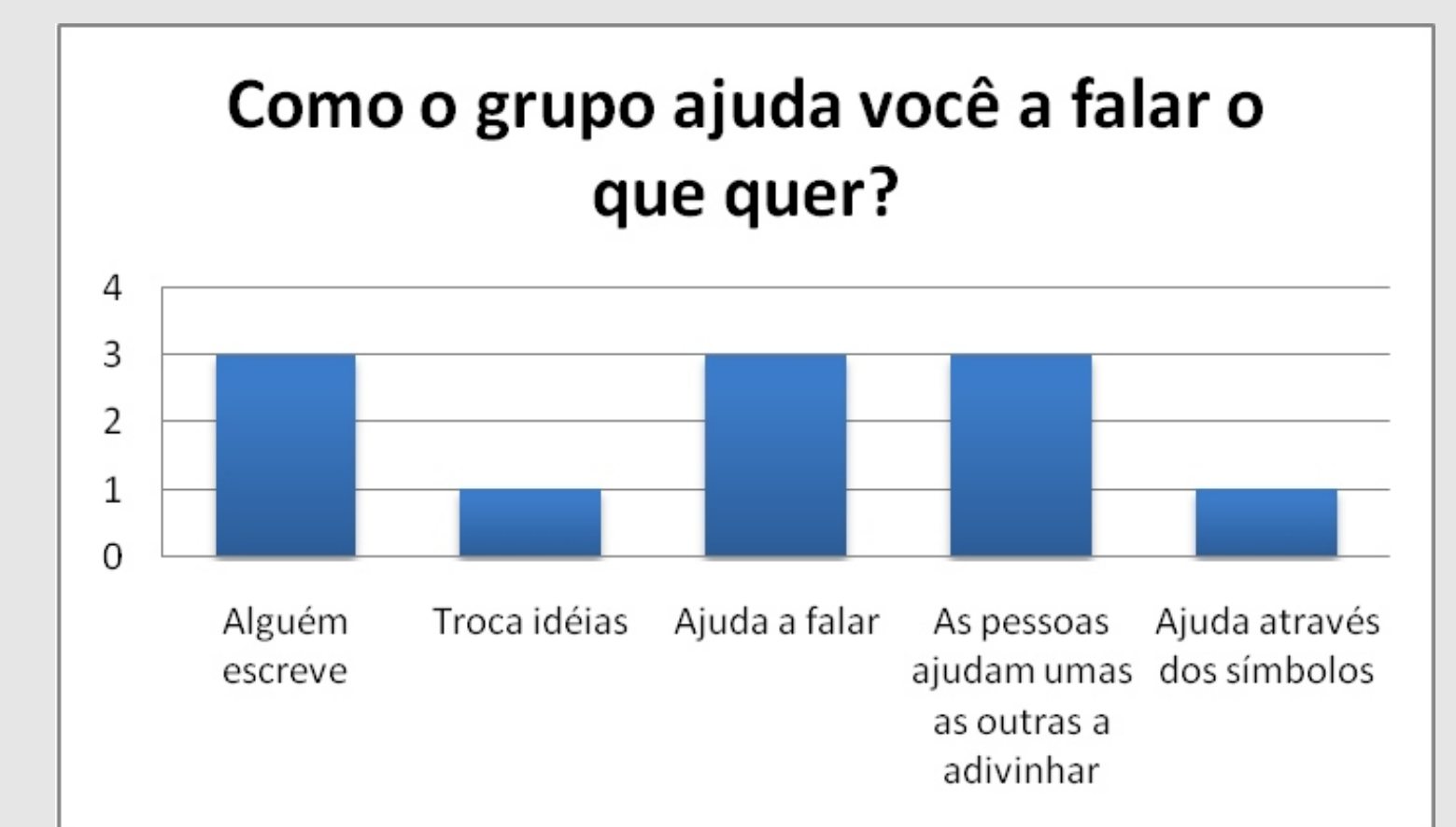


Gráfico 2 - Distribuição das respostas dos sujeitos quanto a como o grupo ajuda você a falar o que quer. Fonte: Arquivos do Curso de Fonoaudiologia da UNICAMP, 2008

4.2 Dos registros em vídeos: linguagem e grupo

Em 2007, se observa uso da CSA em diferentes atividades/contextos como fala espontânea, leituras, jogos, bilhetes e outros. Note-se que a inclusão de símbolos que remetem a vida pessoal confere maior sentido e favorece a apropriação/uso da prancha de CSA pelos sujeitos. Em 2008, há maior autonomia de uso da prancha de comunicação pelos sujeitos, sendo que, em alguns momentos, foi crucial para que alguns sujeitos pudessem dizer o que queriam, mas que as dificuldades impostas pela patologia comprometiam.

Os achados indicam que as categorias *gestos e mediação de linguagem pelos pesquisadores* ocorrem mais frequentemente. A *utilização da CSA* ocorre por todos os sujeitos, sendo que quando não, os sujeitos recorrem às outras categorias como o uso de *gestos e da escrita e fala*.

A categoria escrita e fala é utilizada por três Sujeitos (S2, S3 e S4), sendo que um destes (S4) utiliza com mais frequência a escrita do que os demais. Esse mesmo sujeito também é o que mais utiliza outros recursos como a agenda interativa.

O *incentivo a fala do outro*, ocorreu mais no caso do Sujeito S2. Sua intervenção nesse sentido foi importante para o grupo, por incentivar a fala e valorizar as potencialidades de linguagem de todos. A comunicação entre sujeito e sujeito não é frequente no grupo.

Os achados evidenciam que quando um sujeito tenta se comunicar no grupo utiliza vários recursos (gestos, fala, escrita, desenho, CSA, etc), sendo que os diversos modos de cooperação entre eles como incentivo a fala do colega e mediação dos interlocutores configura o grupo como fator importante para o favorecimento da linguagem de todos. Note-se que o maior envolvimento dos sujeitos com e no grupo lhes confere maiores possibilidades de comunicação e, conseqüentemente, mais bem acabados se tornam seus enunciados, favorecendo sua linguagem nas várias dimensões.

V. CONCLUSÃO

Os resultados mostram evolução lingüística dos sujeitos ao longo do período estudado.

Apresentam uso maior e diversificado da linguagem no contexto grupal por meio de gestos, escrita, fala, CSA e outros recursos, como a agenda interativa. Cabe destacar que o uso da CSA foi se ampliando ano a ano, contribuindo para melhor acabamento dos enunciados, maior participação e autonomia dos sujeitos. Verifica-se, portanto, a contribuição do contexto grupal e do uso da CSA na afasia em benefício desse grupo populacional e favorecimento de sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chun RYS, Coudry MIH, Fedosse E. Avaliação e acompanhamento fonoaudiológico de sujeitos não falantes. Diretrizes, Normas e Condutas Área da Saúde [on-line] 2007. [Acesso em: 29 de fev. de 2008]. Disponível em: URL: <http://www.fcm.unicamp.br/diretrizes/temas.html>.
- Chun RYS. Comunicação Suplementar e/ou Alternativa: Processos de Significação em Sujeitos Cérebros-Lesados. *Relatório de Pesquisa de Pós-Doutoramento*. IEL, Campinas, UNICAMP, 2008 (Auxílio Fapesp nº2006/57664-4).
- Chun, RYS. Comunicação Suplementar e/ou Alternativa: Abrangência e peculiaridades dos termos e conceitos em uso no Brasil. *Pró-Fono* (Online), v. 21, p. 69-74, 2009.
- Couto EAB. Utilização dos sinais aumentativos e alternativos de comunicação na reabilitação das afasias. In: Almirall CB, Soro-Camats E, Bultó CR. *Sistemas de sinais e ajudas técnicas para a comunicação alternativa e a escrita: Princípios teóricos e aplicações*. São Paulo: Ed. Livraria Santos; 2003. p.231-241.
- Morato EM, Tubero AL, Santana AP, Damasceno B, Souza FF, Macedo HO. *Sobre as Afasias e os Afásicos Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: Ed. UNICAMP; 2002.
- Panhoca, I. Grupo terapêutico fonoaudiológico: Refletindo sobre esse novo fazer. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Ed. Roca; 2004. p.1054-1058.

Agradecimentos aos sujeitos da pesquisa por sua participação e ao CNPq pelo auxílio recebido.